


As universidades norte-americanas e a ascensão de Trump pelos olhos dos professores | Entrevista com James Green

James Green*

Brown University
Providence, Rhode Island, Estados Unidos

Entrevista realizada por e-mail em agosto de 2025, a partir do convite do professor Dr. **Eduardo Ferraz Felipe** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) ao professor James Green.

- * Professor Emérito da Brown University, Cátedra Carlos Manuel de Céspedes, Departamento de História e Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros. Doutor e Mestre em História da América Latina pela University of California, Los Angeles; Mestre em Estudos Latino-Americanos pela California State University, Los Angeles; graduado em Ciências Políticas pelo Earlham College. E-mail: james_green@brown.edu
 <https://vivo.brown.edu/display/jngreen>

Revista Maracanan. Fale por favor de sua trajetória de estudos acadêmicos e como você relaciona a sua formação intelectual e a política contemporânea dos EUA.

James Green. Quando morei no Brasil, entre 1976 e 1981, fui membro fundador do primeiro grupo LGBT+ do país – Somos: Grupo de Afirmação Homossexual –, e um dos líderes da ala esquerda do movimento. Também estive envolvido no movimento contra a ditadura.

Anos depois, quando decidi voltar para a pós-graduação em História do Brasil, resolvi escrever a tese de doutorado, que se tornou *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (Ed. Unesp, 2000; 2018; 2022), justamente porque não havia uma história abrangente do assunto escrita por um historiador profissional. Percebi uma enorme necessidade e queria preencher essa lacuna.

Meu segundo grande trabalho, *Apesar de vocês: a oposição à ditadura militar brasileira nos Estados Unidos* (Companhia das Letras, 2010), foi inspirado por minhas próprias experiências como um jovem ativista do movimento contra a Guerra do Vietnã, que se interessou pela América Latina. Por acaso, conheci Marcos Arruda, um exilado político brasileiro, e mesmo antes de falar português ou saber muito sobre o Brasil, me envolvi na denúncia da tortura e da repressão no Brasil.

Meu terceiro livro, *Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*, (Civilização Brasileira, 2018; 2025) foi construído a partir do meu interesse em compreender essa figura incrível, um estudante de medicina que se tornou guerrilheiro e reprimiu sua homossexualidade enquanto lutava contra o regime militar. Eu queria escrever sobre homofobia e a esquerda, bem como reconhecer sua importante contribuição para a mudança do discurso sobre pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Todos esses três livros, juntamente com *Escritos de um viado vermelho: política, sexualidade e solidariedade* (Ed. Unesp, 2024), uma coletânea de 21 ensaios sobre história brasileira, têm sido minha maneira de fazer pesquisas que possam contribuir para mudar a realidade social.

Revista Maracanan. O governo Donald Trump fez uma série de ações intervencionistas nas universidades americanas; dentre as mais conhecidas pode-se citar as ocorridas em Columbia e em Harvard. Em torno de 15 de abril deste ano, Trump congelou em torno de US\$2 bilhões de Harvard. Além disso, ameaçou retirar as isenções fiscais de Harvard por considerar que as universidades de elite atuam a favor de terroristas e contra o interesse público. Segundo a carta enviada para Harvard, e disponibilizada pelo *The New York Times*, a universidade não havia cumprido as “condições de direitos intelectuais e civis”. E hoje, dia 30 de junho de 2025, a Casa Branca considerou que Harvard violou leis dos direitos Civis, conforme noticiado pelo *The New*

York Times. Como você percebe as ações de Trump e o simbolismo no ataque a essa universidade?

James Green. Há muitas razões pelas quais Trump está atacando universidades, começando por Columbia e Harvard. A mais óbvia, se me permitem começar com uma avaliação psicológica, é que ele é extremamente inseguro. Embora Trump seja um vendedor brilhante e habilidoso, ele não é muito inteligente. Basta ouvir como ele constrói uma frase ou como ele realmente conhece pouco do mundo, para perceber que ele não é muito astuto. Embora se orgulhe de ter se formado na Wharton School of Economics, parte da Universidade da Pensilvânia e uma das universidades de elite da “Ivy League”, parece que alguém fez o vestibular por ele. Então, acho que ele quer mostrar às pessoas que é mais inteligente do que as pessoas que dirigem a universidades da Ivy League.

Em segundo lugar, ele e as forças políticas de extrema direita que o apoiam querem eliminar todas as conquistas dos direitos civis e outros movimentos que foram capazes de acabar com o apartheid e discriminação nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960 e expandir os direitos para negros e outras minorias, mulheres e pessoas LGBT. Trump é racista e quer eliminar todos os programas desenvolvidos nos últimos 40 para superar o racismo e a discriminação histórica e institucional. A maioria conservadora na Suprema Corte dos EUA, para a qual ele nomeou três juízes, já eliminou os programas de ação afirmativa, e agora Trump quer acabar com os programas de Diversidade, Equidade e Inclusão, projetados para garantir que as universidades regridam à década de 1950, quando eram majoritariamente destinadas a pessoas brancas, de classe média e alta.

Em terceiro lugar, Trump e seus apoiadores ideológicos têm um plano de longo prazo para desmoralizar as universidades com seus ataques às suas pesquisas, para que, em vez de serem bastiões do debate democrático, sejam intimidadas e tenham medo de falar sobre o aquecimento global, a injustiça social e a desigualdade.

Por fim, ele está cinicamente usando a acusação de antissemitismo nos campi para justificar suas medidas. Embora, na minha opinião, tenha havido incidentes de antissemitismo entre estudantes que se opunham à guerra de Israel em Gaza, Trump fez muitos comentários antissemitas ao longo dos anos. O exemplo mais flagrante foi em 2017 quando nacionalistas brancos de extrema direita protestavam contra a campanha para derrubar uma estátua em homenagem a um general na guerra dos Confederados contra os Estados Unidos (1861-65). Eles gritavam: “Os judeus não nos substituirão”. Esse slogan se baseia na teoria extremista de que existe uma conspiração de judeus, liderado por George Soros e outros, que está incentivando pessoas do Sul Global a migrarem para a Europa e os Estados Unidos para se apropriarem dos espaços ocupados pelos europeus brancos. Quando questionado sobre os protestos, Trump comentou que há pessoas boas em ambos os lados. Ele está apenas usando uma preocupação legítima (possível comportamento antissemita nos campi) como pretexto

para justificar as suas intervenções nas universidades e para mostrar que é mais poderoso do que as melhores universidades do mundo.

Revista Maracanan. Diferente do que aconteceu na universidade de Columbia, Harvard se tornou a primeira universidade dos EUA a rejeitar as exigências do governo, em 14 de abril de 2025, acusando a Casa Branca de tentar “controlar” a comunidade universitária. Qual a sua opinião sobre o protagonismo de Harvard na luta contra os desmandos de Donald Trump, ao ter se recusado a aceitar de modo imediato a intervenção do atual presidente dos EUA?

James Green. A importância simbólica de Harvard estar na vanguarda da luta contra a interferência de Trump nas universidades americanas é inquestionavelmente relevante para o meio acadêmico em geral. No entanto, todas as principais universidades de pesquisa dependem fortemente de verbas do governo americano para realizar o tipo de trabalho que as tornou as melhores do mundo. Mas todas elas tiveram que admitir alguns problemas ao negociar com o governo. Algumas questões estão relacionadas aos procedimentos de admissão de alunos, que vão além das notas obtidas no ensino médio e dos resultados de testes. Trump está tentando eliminar quaisquer considerações além dessas medidas de mérito, embora o governo Trump não tenha forçado as universidades a continuar a tradição de favorecer os filhos e filhas de ex-alunos nas decisões de admissão, o que é uma forma de reproduzir privilégios e riqueza. Outras universidades foram forçadas a pagar multas por supostas violações das leis de direitos civis, por supostamente discriminarem estudantes brancos e asiáticos. Ainda assim, a maioria conseguiu manter o governo americano fora das decisões relativas à contratação de professores e ao conteúdo dos cursos.

Os ataques a estudantes internacionais representam um dos maiores golpes sofridos pelas universidades por vários motivos. Primeiro, aqueles de famílias ricas podem pagar as mensalidades e outras despesas relacionadas aos estudos nos Estados Unidos. Isso significa que uma determinada universidade pode oferecer bolsas de estudo para estudantes de famílias pobres. Muitos programas de mestrado dependem de estudantes internacionais para se financiarem, e a ausência deles causará dificuldades econômicas no orçamento geral da universidade. Muitos potenciais estudantes internacionais estão optando por universidades europeias em vez das dos Estados Unidos devido a todas as barreiras impostas à sua entrada no país. Finalmente, a universidade se torna um lugar menos interessante sem estudantes de diferentes países que possam trazer suas experiências e pontos de vista diversos para a sala de aula e para a vida no campus.

Revista Maracanan. Como você percebe o impacto das ações do governo Trump na universidade na qual você leciona e pesquisa após as ameaças de intervenções governamentais em duas das maiores universidades norte-americanas (Columbia e Harvard)?

Houve mudança no ambiente entre os professores? Os alunos estrangeiros têm se sentido constrangidos? O ambiente nas aulas e no campus sofreu alterações profundas?

James Green. Aposentei-me em junho de 2024, portanto, não estou mais no campus para relatar os sentimentos gerais de alunos e professores. No entanto, ainda estou trabalhando com quatro alunos de pós-graduação – todos estudantes internacionais – e conversei com membros do corpo docente. Há um sentimento geral de desamparo e depressão, com ameaças de congelamento da contratação de novos docentes devido ao potencial corte na receita de pesquisa, à eliminação de funcionários e à redução de bolsas de estudo para alunos carentes. Há cautela em como responder e temor de que declarações ou protestos públicos possam significar que Trump esteja mirando uma universidade específica. Estudantes internacionais temem que, se deixarem o país, serão autorizados a entrar novamente. Ao viajar, eles limpam seus celulares de conteúdo político e alguns apagaram itens de suas redes sociais. O maior sentimento é a incerteza sobre quais outras medidas Trump pode tentar implementar.